



O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ANÁLISE

CULTURA E DIMENSÕES DO VIVER EM YI-FU TUAN: ALGUMAS APROXIMAÇÕES GEOGRÁFICAS

CULTURE AND DIMENSIONS OF THE LIVE IN YI-FU TUAN: SOME GEOGRAPHICAL APPROACHES

Clevisson J. Pereira ¹

Dalvani Fernandes ²

RESUMO

Propomos no presente artigo revisitar algumas das principais obras do geógrafo Yi-Fu Tuan, precursor do movimento humanista na Geografia. Trabalhando mais detidamente em uma das recentes publicações do autor, *Human Goodness* (2008), buscamos contribuir com os debates geográficos ao apresentar o pensamento tuaniano procurando entender o mote de suas reflexões. Nessa proposta evidenciam-se as dimensões do viver humano e o papel fundamental da cultura nas teorizações do autor.

Palavras-chave: Humanismo, Yi-Fu Tuan, Geografia Cultural, *Human Goodness*, Cultura.

¹ Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Linha de Pesquisa Território, Cultura e Representação, bolsista REUNI de Assistência ao Ensino Universidade Federal do Paraná. clevisson@hotmail.com

² Licenciado em Geografia pela UNICENTRO, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Linha de Pesquisa Território, Cultura e Representação, bolsista REUNI de Assistência ao Ensino Universidade Federal do Paraná. dalvanifernandes@hotmail.com

ABSTRACT

We propose in this article review some of the major works of the geographer Yi-Fu Tuan, pioneer of the humanistic movement in Geography. Working more closely at one of the recent publications of the author, *Human Goodness* (2008), we seek to contribute to the geographical debates to present the tuanian thought trying to understand the tone of his reflections. In this proposal become evident the dimensions of the human live and the fundamental role of culture in the author's theorizations.

Key-word: Humanism, Yi-Fu Tuan, Cultural Geography, *Human Goodness*, Culture.

INTRODUÇÃO

Desde suas primeiras obras, principalmente na década de 1970, Yi-fu Tuan destacou-se no pioneirismo de um humanismo, até então, sem precedentes na Geografia. Bem verdade que sua fonte de inspiração³ já prenunciava um outro caminho para as reflexões geográficas, porém, é com trabalhos como *Topofilia* (1980) – publicado originalmente em 1974 – e *Humanistic Geography* (1976) que Tuan levanta o estandarte de uma nova abordagem na Geografia: a Geografia Humanística, definida por ele como uma Geografia que busca entender melhor o Homem e suas condições. Desse modo, essa perspectiva geográfica não pretende ser uma ciência da terra, “ela se entrosa com as Humanidades e Ciências Sociais no sentido de que todas compartilham a esperança de prover uma visão precisa do mundo humano” (TUAN, 1982, p.143).

Procurando “navegar” no pensamento deste geógrafo, exploramos algumas de suas ideias presentes em suas mais conhecidas obras. Buscando evocar em seus questionamentos o papel da cultura, ou das relações culturais nas dinâmicas humanas e sociais, é que alinhamos nossa reflexão à sua

³ Segundo Claval (2001, p.53) e Holzer (2001, p.106; 2008, p.141) parte da construção teórica de Tuan tem como inspiração os trabalhos do geógrafo francês Eric Dardel (1899-1967) – principalmente seu encadeamento entre geografia e fenomenologia (HOLZER, 2001, p.107); e assim, por consequência, se vale profundamente da filosofia de Heidegger – em que o fundamental é o sentido do ser (ABRÃO, 2004, p.452).

recente⁴ obra *Human Goodness* (2008); almejando assim, exemplificar a dinâmica do pensamento tuaniano.

Human Goodness (Bondade Humana) é uma obra com alto teor filosófico e humanista. Tuan nos conduz em uma reflexão sobre a condição humana, sobre o mundo, e de maneira indireta, fazendo uma ligação com seus primeiros trabalhos, a também pensarmos geograficamente o espaço partindo de uma leitura humanista. *Human Goodness, entre outras coisas*, levanta as seguintes questões: o que está havendo com o mundo? Existe bondade? Como as pessoas exercem a bondade? Quais virtudes a sociedade ocidental precisa cultivar? O que é ser bom/ humilde/ corajoso/ generoso em nossa sociedade ocidental? É possível fazer um mundo melhor? Como? Reflexões profundas que Tuan aborda apoiando-se na teologia, filosofia e literatura para encontrar respostas satisfatórias.

Assim, nossa intenção é mostrar a riqueza dessa obra, procurando responder a algumas dessas indagações a partir do pensamento exposto por Tuan; entendendo que aprofundamentos mais pontuais, nos tomariam muito mais espaço que apenas um artigo. Salientamos que todas as traduções foram feitas pelos autores do presente artigo, assumimos assim as responsabilidades de interpretação. Em nossas considerações fazemos uma reflexão sobre as ideias em pauta e nos esforçamos em construir uma linha de raciocínio a partir do que Tuan tem formulado. Desse modo, queremos destacar algumas das contribuições da Geografia Humanística diante dos novos desafios propostos a Geografia Humana.

YI-FU TUAN E AS GEOGRAFIAS DA VIDA

Quando olhamos mais atentamente para o trabalho de Yi-fu Tuan notamos uma característica distintiva: a excepcional relevância da cultura⁵ no

⁴ Ressaltamos que essa não é a mais atual publicação de Tuan, ainda esse ano o autor publicou *Religion: From Place to Placelessness* (2010), demonstrando interesse por outros sub-campos da geografia, como a Geografia da Religião.

⁵ “O grupo, expressando e reforçando os padrões culturais da sociedade, afeta fortemente a percepção, a atitude e o valor que seus membros atribuem ao meio ambiente. A cultura pode influenciar a percepção de tal modo que as pessoas verão coisas que não existem: pode causar alucinação em grupo” (TUAN, 1980, p.285).

projeto existencial. Ao comparar, brevemente, algumas obras do referido autor⁶ notamos certa linearidade e evolução conceitual e teórica em seu pensamento. Ainda que sejam primeiras aproximações, vemos passo a passo Tuan desdobrar sua ideia de que algumas dimensões distintas organizam e articulam o devir humano.

Em *Topofilia* (primeira publicação em 1974, e editado no Brasil em 1980), o que mais se destaca na explanação de Tuan, são as ligações afetivas evocadas pelo ambiente e que transformam um espaço em lugar – tomam importância os sentimentos sobre o lugar (*sense of place*), as relações entre a cultura e o ambiente natural, e o que o lugar pode simbolizar (WARF, 2006, p.234).

Na obra *Espaço e Lugar* (primeira publicação em 1977, com edição no Brasil em 1983) Tuan procura teorizar sobre o sentir e pensar o espaço – perspectivas da experiência humana. O autor demonstra como o antropocentrismo do lugar, constantemente reforçado através das experiências cotidianas, conflita não só existencialmente, mas também epistemologicamente com o rarefeito conceito espaço. Tuan expõe a constante relação dialética entre homem e lugar – em que este seria uma construção puramente humana – visto que objeto (espaço-ambiente) se revelaria sujeito (lugar) e que os significados decorrentes dessa ligação conduziram as ações humanas. Sendo a natureza do lugar e do espaço relativa, variaria de acordo com a experiência ambiental em seus muitos matizes: cultural, social e histórico.

Com *Paisagens do Medo* (primeira publicação em 1979, e editado no Brasil em 2006) Tuan novamente resgata as bases biológicas nos seres humanos para evidenciar a universalidade do medo, e como este se torna complexo no homem por ganhar novas extensões em sua imaginação. Dessa forma paisagens do medo são, apenas ocasionalmente, paisagens convencionais; antes, elas abrigam além de elementos geográficos um universo imaginário – como contos de fadas, mitos e lendas. Entendemos que, o que o autor quer nos passar é que embora a estrutura biológica e a força

⁶ Mello (2001) faz um excelente trabalho ao discorrer sobre algumas das principais obras de Tuan buscando as noções e categorias espaciais presentes no discurso do autor. Nossa intenção não é refazer o mesmo 'itinerário' de Mello, mas a partir de algumas obras de Tuan indicar o que pode ser o mote central das suas reflexões.

cultural regulem nossa vida, são os delineamentos produzidos pela subjetividade humana – expressa na imaginação e no profundo medo, por exemplo – que organizam nossas paisagens (mundos).

Através de *The Good Life* (1986) o autor traz a ideia de que a concepção de viver bem varia de acordo com as culturas, e que se pensarmos em uma sociedade moderna e complexa essa concepção pode variar entre indivíduos; porém o que Tuan busca evidenciar não é uma simples expressão do bem viver, mas a experiência de viver – a natureza da boa vida e do bem estar. Para isso se torna imprescindível a compreensão da natureza humana em suas várias dimensões. O autor não reduz a boa vida apenas a uma experiência individual, isso seria limitado demais; o que nos apresenta é a ideia de uma construção em conjunto – mente, cultura, sociedade e experiências individuais. Que resultaria em escolhas e comportamentos específicos.

Já com a obra *Escapism* (1998) a tese de Tuan fica clara desde o início: a cultura como escape. A ideia de cultura aqui é abrangente e o escape proporcionado atinge as muitas dimensões do viver humano. O escape é visto desde a proteção proporcionada pelo lar até a tranquilidade oferecida pela religião. O autor nos conduz por reflexões que evidenciam como a cultura nos faz escapar de nossa “animalidade”, das intempéries da natureza, da nossa vulnerabilidade individual-social e da consciência de finitude. Em tudo isso não há nada de mal em vivenciar o escape, pois muito mais que uma simples ferramenta de coesão da vida, a cultura estabelece um profundo sentido existencial.

Tomando um caminho mais filosófico, Tuan com *Human Goodness* (2008) explora a experiência existencial sob o viés da bondade; tangenciando as profundas ligações entre homem e cultura. Tentando dar um sentido a existência humana o autor trabalha com dois principais temas: a essência humana e a cultura. Yi-fu Tuan busca identificar na cultura e natureza humana explicações para os comportamentos mais subjetivos do homem. Querendo aprofundar um pouco mais essa relação entre natureza humana e cultura, vamos mais detidamente explorar a respectiva obra.

HUMAN GOODNESS – REFLEXÕES SOBRE A BONDADE HUMANA

Em seu pequeno livro *Human Goodness* (2008), Tuan centra-se em questões filosóficas e éticas, que indagam sobre a “bondade humana”. O conteúdo da obra versa sobre virtudes como humildade, generosidade, coragem e bondade. Partindo de histórias, chamadas no livro de vinhetas, o autor viaja pelo cotidiano, recortando notícias de jornais antigos, de fatos ocorridos com pessoas “normais”. Fatos que merecem destaque, que enaltecem as virtudes humanas. O livro começa assim:

É dito que em uma estória o mau caráter – até mesmo os vilões – tem uma certa simpatia, levando em consideração que os mocinhos, apesar dos esforços por parte do diretor, são sempre chatos ou inseqüentes. Jornais e seus editores devem pensar a mesma coisa, pois, inevitavelmente, crimes aparecem na primeira página, considerando que as boas ações aparecem, contudo, nas últimas sessões ligadas às colunas de fofoca. Os editores querem vender seus artigos e eles tem uma ótima ideia do que seus leitores querem, presumidamente os leitores em geral também favorecem histórias de fofocas ao invés de histórias de bondade e valor. Uma interpretação otimista ou pessimista pode ser dada sobre essa atitude.⁷
(TUAN, 2008, p.vii, tradução nossa).

Para o autor, o ponto de vista pessimista é aquele que entende que o fascínio pelas más notícias, em detrimento das boas, surge nos sujeitos como uma espécie de identificação com suas próprias mazelas - *sour experiences, bad deeds* – que de certa maneira são confirmadas no mundo lá fora [*out there*] nas notícias. O otimismo estaria em ver essas más notícias como algo marginal

⁷ “It is said that in a story the flawed characters – even the villains – have a certain appeal, whereas the good ones, despite efforts on the part of the author, are boring or inconsequential. Newspaper publishers and editors must think the same, for, inevitably, crimes appear on the front page, whereas good deeds appear, if at all, tucked away in a back section devoted to social gossip. Since publishers want their papers to sell and since they have a pretty good idea of what their readers want, presumably readers in general also favor stories of gore to stories of kindness and valor. Either a pessimistic or an optimistic interpretation can be given to this attitude.”

à conduta humana, não condizente ao comportamento natural e por isso fascinante.

Diante dessa situação, Tuan reflete sobre a natureza humana, onde está a bondade dos homens? “A essência da bondade é um brilho interno” – diz o autor. Esse brilho, essa essência, é ofuscada por uma interpretação materialista da realidade, na falsa ideia de que o belo está naquele que possui bens materiais. Esse brilho é visto na pureza das crianças e na determinação e força dos atletas. A bondade está presente onde há um senso de moral. Os seres humanos, sendo animais simbólicos, são diferenciados como espécie por desenvolverem esse senso de representação muito cedo.

Seguindo essa linha de pensamento, o autor nos fala das boas maneiras, a boa educação que vem de casa. Para ele, atitudes simples, expressas no dia-a-dia podem conduzir a sociedades mais saudáveis. Afirma que, possuir boas maneiras não significa ser uma pessoa boa em sua essência, porém, é uma forma de evitarmos conflitos desnecessários. As boas maneiras, ou boas ações, constroem um tipo de comportamento diferenciado na sociedade. Tuan se pergunta se esse comportamento pode ser ensinado. Defende a ideia de que as pessoas devem ser encorajadas a fazer coisas boas, pois para ele, atualmente as boas maneiras “podem fazer pessoas boas; pelo menos, em um jogo onde elas tentam ser boas, com sinceridade ou não, faríamos uma sociedade por si só mais genial e mais civilizada”⁸ (2008, p.18). As boas ações podem transformar as pessoas e as pessoas podem transformar as sociedades. Para o autor, o que dificulta essa realidade, entre outras coisas, é a cultura de consumo se sobrepondo a uma cultura de valores.

Diariamente nos depararmos com situações onde alguém nos ajuda, ou ajudamos alguém. Depois de recebermos o apoio que necessitávamos o que fazemos? Agradecer, essa seria uma boa opção. “Gratidão é o paraíso pra si”, disse Willian Blake. Então, por que ela é tão rara? A resposta esta no cotidiano, nós quase nunca pensamos em nosso dever com a natureza e a sociedade. Falta de consideração gera ingratos.

⁸ “Is hall take up undoubted heroism later, but for now I want to stay with manners because, by encouraging people to *play* at being good, manners may make people actually good; at least, such play, sincere or not, will make society itself more genial, more civilized”.

Para Tuan, “poços de gratidão vertem naturalmente em pessoas verdadeiramente boas, em santos. E existem poucos deles”⁹ (2008, p.31). Citando Santa Teresa D’Ávila, explica que a gratidão deve vir através das coisas simples. *A gratidão gera motivação para fazer o bem, assim, formam-se correntes de boas ações.* Tuan faz uma crítica a interpretação de alguns cristãos dizendo que os discursos dos missionários defendem que Deus deu seu filho para que morresse por seus pecados, e por isso, agora eles (convertidos) teriam que fazer o bem. O autor acredita que esse é um discurso “inchado”, é gratidão por obrigação, prefere a motivação expressa por Tereza D’Ávila que demonstra gratidão por coisas pequenas, para a santa mesmo que uma sardinha tivesse sido dada em troca de sua vida, ela faria o bem da mesma forma. Tuan faz a seguinte reflexão, se estamos vivos isso significa que: “eu existo – eu nasci em lugar de outro – nesse lugar eu tenho a obrigação de ser um ‘conforto’, ao invés de ‘ferrugem’, na vida de outros seres humanos”¹⁰ (2008, p.37).

Continuando em sua reflexão, o autor aponta a falta de humildade como um empecilho para o florescimento da bondade humana. *Humildade é uma virtude enganadora para estabelecê-la como genuína.* Citando Nelson Mandela, Tuan expressa que “nosso medo mais profundo, não é o de sermos insuficientes. Nosso medo mais profundo é que nós somos poderosos além da medida”¹¹ (2008, p.39). É a nossa luz, e não nossa escuridão que mais nos amedronta. Tuan conta que Einstein, admirando uma paisagem ilustrada pela beleza do mar, com o sol refletindo nas águas, se sentiu dissolvido na margem da natureza. Sentiu sua individualidade ser algo insignificante. E se sentiu muito feliz por isso. Eis a humildade. Se apoiando na filosofia, teologia e literatura, Tuan procura convencer o leitor, de que nós não somos nada e isso é maravilhoso (!). A humildade vem dessa compreensão. “Aquele que ganhar a sua vida a perderá, mas aquele que a perder, a manterá” (Lc 17.33), “a

⁹ “Gratitude wells up naturally in a truly good person – a saint. And there are few of them.”

¹⁰ “That I exist – that I was born rather than another – places an obligation on me to be more a comfort to than a blight on the lives of my fellow creatures.”

¹¹ “Our deepest fear is not that we are inadequate. Our deepest fear is that we are powerful beyond measure.”

verdadeira posse do ego vem do abandono do ego” (*Conrad’s Secret Sharer*), cita Tuan.

Em um capítulo intitulado – Fazendo o bem no meio do mal – Tuan se pergunta: por que algumas pessoas se arriscam para ajudar outros? Por que elas tem esse comportamento em nossa sociedade (ocidental, livre de guerra)? E se elas vivessem no mal do fascismo como seria? Procurando responder a questão, através de dois textos, Tuan relata passagens de boas ações, heroísmo e coragem moral ocorrido em situações de guerra.

O primeiro texto, conta a história do Pastor André Trocmés que viveu num vilarejo no Sul da França chamado Le Chambon. Durante quatro anos centenas de judeus viviam escondidos nesse vilarejo, dependiam diretamente das pessoas que se arriscavam para ajudá-los. Trocmés e Magda sua esposa, foram dois cristãos, ele protestante e ela católica, ambos se arriscaram muito para ajudar os judeus. O vilarejo de Le Chambon tinha pessoas boas. A virtude das pessoas que lá se encontravam se difundiu para além do vilarejo, por todo Centro-sul da França, “criando ‘pontos de luz’ em uma terra escurecida pelo medo e preconceito”¹² (2008, p.78). O Pr. Trocmés foi contra o Estado, as leis, a autoridade francesa ao ajudar os judeus. Mas fez o que acreditava ser certo. Ele fez o bem. Trocmés dividiu os seres humanos em três categorias: bons, maus e estúpidos. Aquele que possui coragem moral e faz o bem é diferente daquele que escolhe fazer o mal, mas há também o indivíduo que faz “vistas grossas” para o bem e para o mal, esse que não se mobiliza é o estúpido.

Encontramos ainda no livro *Human Goodness* seis biografias divididas por períodos: antiguidade, pré-moderno e moderno. Para Tuan, as pessoas que ele escolheu viveram vidas que são exemplos a ser seguidos. Homens e mulheres que exerceram suas virtudes e influenciaram muitos seres humanos. Representando o pensamento e a sociedade da **Antiguidade** Tuan cita Confúcio (551 a.C. – 479 d.C) e Sócrates (469 a.C. – 399 d.C). No **Pré-moderno** Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791) e John Keats (1795 – 1821). No **Moderno** Albert Schweitzer (1875 – 1965) e Simone Weil (1909 – 1943). Após apresentar essas biografias, o autor articula suas reflexões sobre

¹² “Their virtue was such that it diffused beyond Le Chambon to farms and villages throughout south-central France, creating (as it were) “points of light” in a land darkened by prejudice and fear.”

a bondade humana às personalidades descritas. E ao evidenciar características da existência humana, começa a desvelar na dinâmica humana os “fundos” que compõe o devir social.

Assim, depois de um extensivo relato de situações cotidianas e das biografias de personagens ilustres da história, o autor procura explicações para os comportamentos humanos. De certa forma, a trama humana apresenta basicamente três características mais distintas: uma certa coerência de atos bons; um mal inerente a existência; e, uma bondade excepcional. Essa trama é expressa através dos três textos finais da obra: “fundo negro”, “fundo cinza” e “pontos de luz”.

Segundo Tuan alguns fatos básicos revelam o lado escuro (fundo negro) da natureza humana; mostrando-nos que de alguma forma o mal atormenta as nossas vidas. Nesse sentido Tuan fala de uma certa “*destructiveness*”; uma capacidade destruidora inerente a todos – e que socialmente já se tornara aceitável.¹³

O autor evidencia também outra característica humana que contribui para o lado escuro: o “Poder de Manipulação”. Essa capacidade negativa do homem é clara quando o ente manipulado são os animais e plantas. Mas também é evidente quando se transforma em violência ao próximo. Ainda mais quando o próximo não é nem tratado como um ser humano – justificando assim a escravidão, as guerras e os genocídios.

Ainda sobre o “fundo negro” da humanidade, Tuan vai empunhar a seguinte assertiva: uma vantagem evolutiva nos trouxe uma ‘aparente’ desvantagem de vida. O autor quer demonstrar com essa ideia que com o crescimento de nosso cérebro fomos capacitados a imaginar, fantasiar e pensar muito além dos outros animais; porém os trunfos do cérebro humano – a consciência exterior e interior – deixaram a morte (finitude humana) explícita ao homem e junto a ela, a descoberta de um vazio interior.

¹³ “Mas não só destruir desenfreadamente, temos também que destruir ainda que queiramos simplesmente construir: matamos e comemos para construir nosso corpo, cortamos as árvores para construir nossas casas, desmatamos uma floresta inteira para construir uma vila, cidade, e fazendas adjacentes, e assim por diante” (TUAN, 2008, p.184, tradução nossa). Texto original: “But we not only destroy wantonly; we also *have* to destroy if only to build: we kill and eat to build our bodies, cut down trees to build our houses, clear an entire forest to build a village, town, and adjoining farms, and so on.”

Este vazio interior, ou vazio existencial, poderia ser compensado no *ter* – justificando a lógica do *possuir é ser*. Isso explicaria a tamanha propensão ao consumismo da sociedade moderna; pois para superar esse vazio do ser, bens materiais preencheriam o vácuo existencial. Assim, indaga Tuan, “com mil pares de sapatos no armário, como posso eu, ou qualquer outra pessoa, duvidar de minha existência – minha contínua existência?”¹⁴ (2008, p.187).

Para burlar os ditames da finitude, o ser humano seria capaz das mais obtusas ações. Nesse sentido o estabelecimento do poder – e poder sobre a morte – daria a falsa noção de infinitude. Este poder se configuraria em subjugar o outro a pena de morte.

Poder como tal, e especialmente o poder sobre outras pessoas, pode fazer-me sentir forte e imortal, divino. (...) A própria morte, então, poderia parecer meu servo; como um servo que sempre obedece meu comando e não pode se voltar contra mim.¹⁵ (TUAN, 2008, p. 187-88, tradução nossa)

Tuan ainda expõe outros aspectos do mal evidente no ser humano – como a inveja sendo um pequeno mal que se acumula; e os meios entorpecentes como álcool, drogas, violência, fantasias religiosas, utopias, etc. – que buscam o preenchimento do vazio existencial. Com base nessas características humanas é que Tuan organiza sua reflexão sobre o contexto ‘obscuro’ da dinâmica social.

O autor, ao continuar suas reflexões, nos mostra que nem tudo na trama humana é um “fundo escuro” da maldade; há também o “fundo cinza” formado por atitudes, ações e intenções nobres refletidos nos atos de cooperações e de construção. Dentre estas algumas se tornam mais relevantes para amenizar a escuridão do mal; como por exemplo, a “cooperação para a construção de um mundo”.

¹⁴ “With a thousand pairs of shoes in the closet, how can I, or anyone else, doubt my existence—my enduring existence?”

¹⁵ “Power as such, and especially power over other people, can make me feel strong and immortal, godlike. (...) Death itself, then, could seem my servant; and a servant who consistently obeys my command will not and cannot turn against me.”

Nesse sentido, segundo Tuan, para além das nossas matrizes biológicas de grupo existe uma necessidade de pertencimento e uma vontade de envolvimento – criando possíveis enlacs uns com os outros que no fim torna a existência mais amena. “É verdade, como frisei anteriormente, que as pessoas muitas vezes vêem facilmente os estranhos como inferiores ou hostis, mas também podem vê-las em uma luz positiva, como aliados, parceiros comerciais e amigos”¹⁶ (2008, p.192).

Nossa capacidade de cooperação, inerente a natureza humana, foi extremamente aguçada com o desenvolvimento da linguagem. Isso levou-nos não apenas a um estágio de comunicação sem precedentes no universo animal, como também possibilitou o surgimento de uma eficiente Tecnocultura.

Outra característica que amenizaria o lado escuro do mal seria a reciprocidade além dos instintos. A reciprocidade, princípio básico para o comportamento social, é instintiva nos animais, mas para os homens é um costume praticado rotineiramente e que varia em intensidade de grupo para grupo.

A emancipação cultural, em relação aos animais, deu a humanidade certa característica moral e ética. Pois a

cultura diferencia o homem dos outros animais. Isto é particularmente verdade na esfera moral. Assim como só os seres humanos possuem linguagem, no sentido amplo da palavra, então eles – e só eles – possuem um senso inato de “bem e mal”, “certo e errado”¹⁷. (TUAN, 2008, p.193-94, tradução nossa).

Ainda que uma moral possa ser derivada das necessidades biológicas existe algo que distingue esse comportamento quando avaliado em seres humanos. Tuan nos interroga: “Comportamento altruísta é suscetível a interpretação biológica?”, e continua, “existe alguma coisa na conduta humana

¹⁶ “True, as I stressed earlier, people all too often and easily see outsiders as inferior or hostile, but they can also see them in a positive light as allies, trade partners, and friends.”

¹⁷ “Culture differentiates humans from other animals. This is particularly true in the moral sphere. Just as only humans possess language in the fullest sense of the word, so they – and only they—possess an innate sense of “good and bad,” “right and wrong.”

que vai além da sobrevivência do grupo e para além da transmissão bem sucedida de uma sopa de genes?”¹⁸ (2008, p. 194).

Buscando uma saída para entender satisfatoriamente como o lado escuro e o lado cinza da humanidade se articulam para nos conduzir ao estado atual de nossa sociedade, o autor propõe questões para nos fazer refletir se apenas impulsos e instintos biológicos seriam capazes de nos levar ao estágio atual e a estágios melhores:

Dada a nossa grande propensão para o mal, é plausível que as virtudes que nós compartilhamos com outros animais sejam suficientes em número e em qualidade para nos ajudar a alcançar o nosso atual alto – mas também altamente defeituoso – estado? Ou será que sempre beneficiaram, em tempos bons e maus (mas, especificamente, nos maus momentos), a partir de toques insondáveis e imprevisíveis da graça?¹⁹ (TUAN, 2008, p.194, tradução nossa).

Continuando suas inquições Tuan busca linearmente na história fenômenos, ou melhor, pessoas fenomenais, que trouxeram importantes significações à humanidade; levando-o a questionar se “a história humana tem sentido?” ou se “ela mostra uma tendência ao progresso?”. Neste intercurso o autor prescreve algumas disjunções na história do mundo, caracterizadas por personagens como o Faraó Akhenaton (séc. XIV a.C.), como os grandes pensadores do Período Axial (800-300 a.C.), como o grande pregador da Galiléia: Jesus, e no século XX, como Gandhi, Schweitzer e Mandela. Tais ícones da humanidade incitaram em Tuan uma interessante questão: “Será que todas estas pessoas, que vêm de culturas e tempos muito diferentes, têm algo em comum?” (2008, p.197).

Buscando estabelecer uma ligação entre eles, e demonstrando que continham algo que lhes dava coerência e convergência de ações e proceder,

¹⁸ “Is altruistic behavior susceptible to biological interpretation?” “Is there anything at all in human conduct that goes beyond group survival and the successful transmission of a gene pool?”

¹⁹ “Given our great propensity for evil, is it plausible that the virtues we share with other animals are sufficient in number and quality to help us reach our present high—but also highly defective – state? Or have we always benefited, in good times and bad (but especially in bad times), from unfathomable and unpredictable touches of grace?”

Tuan mostra-nos que pessoas como essas são os pontos de luz em meio ao fundo escuro e cinza que permeia a nossa história. Através de atitudes e intenções peculiares esses personagens, e também outros, demonstraram uma outra face da humanidade – a legítima bondade humana; uma face muitas vezes obscurecida pelos fundos do mal e dos instintos selvagens que em nós habita, mas que tomam corpo e extensão em pessoas que entendem um real propósito para a existência.

Dentre os muitos comportamentos, intenções e ações da conduta humana, três características transparecem nos personagens acima citados evidenciando dimensões da legítima bondade: i) eles não tiveram medo de serem ridicularizados – estavam convictos do que acreditavam e não os importava o que os outros pensavam sobre eles; ii) não se infectaram com o “vírus mortal ‘nós’ e ‘eles’” – reconheciam os outros como indivíduos e não como membros de classes distintas; e, iii) não negavam seu passado, cultura e tradição – entendiam que muito do que eles eram fora fruto de uma herança social.

Tais personagens – os pontos de luz – de maneiras diferentes levantaram o espírito humano a novas alturas. Cada um à sua maneira nos ofereceu uma nova compreensão da bondade. Nesse sentido, o que Tuan quer nos dizer é que “Bondade Humana transcende o tempo e o lugar” (2008, p. 201.).

Se pensarmos em uma bondade com fonte nas bases biológicas, podemos esperar esse tipo de atitude todos os dias; porém, a verdadeira bondade – verdadeira excelência moral – é muito rara. Para o autor, “excepcionalmente as pessoas boas, tais como gênios intelectuais e artísticos, desafiam a explicação racional, isto é, não temos uma teoria para explicar a sua existência e não podemos prever com precisão as condições em que eles vão surgir”²⁰ (2008, p. 206).

Tuan nos oferece uma base de comparação entre bondade e verdadeira bondade, quando diz que sociedades desenvolvidas (civilizações) oferecem

²⁰ “Exceptionally good people, like intellectual and artistic geniuses, defy rational explanation; that is to say, we do not have a theory to account for their existence and cannot lay down precisely the conditions under which they will emerge.”

sublimes ideias “artificiais” de bondade, como, ao ver do autor, é o Monoteísmo, o Universalismo e a Filosofia – que são estruturas culturais capazes de inculcar certos ideais de bondade, mas que não seriam a verdadeira *Human Goodness*.

O que Tuan quer deixar claro é que os atos de virtude convivem lado a lado com atos de maldade – e nessa relação, a cultura²¹ teria papel fundamental em canalizar ou articular certas atitudes, intenções e ações. “Somente os seres humanos, com sua consciência superior, vão além da mera necessidade de sobrevivência para se envolver em atos extremos de criatividade e destruição, bem e mal”²² (2008, p. 212).

Não existe, para Tuan, a personificação do mal e do bem. A bondade e a maldade são características do ser humano – ainda que uma verdadeira Bondade Humana seja excepcional e só acessível aos humanos. O autor não sabe como explicar a origem ou a razão dessas peculiares luzes que brilham nos contextos sociais, mas identifica-as como extremamente importantes para o nosso projeto existencial:

Contra este cenário de realidade – em parte escuro, em parte cinza – estão os pontos de luz, as jóias da bondade humana. Eles podem ser fenômenos naturais, mas eles têm a sensação de epifania, nos dando como bálsamo, consolo, e, acima de tudo, esperança.²³ (TUAN, 2008, p.212, tradução nossa).

O PENSAMENTO TUANIANO SOBRE CULTURA E AS DIMENSÕES DO VIVER HUMANO

A característica mais evidente que sem dúvida liga todas as obras do referido autor é a noção de cultura como imprescindível ao devir social. Tuan procurando compreender o lado mais estritamente humano das pessoas acaba por dialogar fortemente com as dinâmicas culturais e com a noção de cultura.

²¹ A ideia aqui não é coisificar a noção de cultura, mas mostrá-la como o autor a entende na dinâmica social. Mais a frente exploraremos com mais atenção o referido termo sob as bases do pensamento de Tuan.

²² “Only humans, with their higher consciousness, go beyond mere survival needs to engage in extreme acts of creativity and destruction, good and evil.”

²³ “Against this picture of reality – in part black, in part gray – are the pinpoints of light, jewels of human goodness. They may be natural phenomena, but they have the feel of epiphany, given us for balm, consolation, and, above all, hope”.

O debate sobre a cultura – como ontologia, ideologia ou epistemologia – é fértil na Geografia²⁴ e as concepções de Tuan com certeza alimentam ainda mais essas discussões. No contexto geográfico atual, as ideias de cultura que mais parecem sintonizadas às discussões das Ciências Humanas e Sociais – principalmente com as chamadas viradas cultural, lingüística e espacial (STADELBAUER, 2009; MOURA, 2008) – são aquelas que entendem o conceito de cultura não como tendo existência em si mesma, sendo uma ontologia, mas como uma construção social utilizada para compreender o mundo²⁵. “Assim sendo, o conceito de ‘cultura’, como também o de ‘economia’ ou o de ‘política’, são todos abstrações intelectuais construídas para entender outra abstração: a ‘sociedade’” (HOEFLE, 2008, p.131).

Tuan caminha por vezes pela noção de cultura, própria da renovação da geografia cultural dos últimos anos, entendendo-a como “um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada” (CORRÊA e ROSENDAHL, 2007, p.13).

Tuan, no prefácio do livro *Escapism* (1998), nos fornece algumas pistas de como entende a cultura: “Vendo cultura como escapismo surge a questão, Escapar do que? Minha experiência como geógrafo me predispõe a considerar, primeiro, escapar da natureza – do ambiente natural, suas incertezas e ameaças²⁶. Mais a frente o autor continua: “Um animal come, tem impulso sexual e brevemente ou tarde morre. Eu? Eu, bem, janto, amo e aspiro ser imortal. Cultura é a totalidade dos significados por meio da qual eu escapo de meu estado animal do ser²⁷. E para ampliar ainda mais sua noção de cultura o autor complementa dizendo que “Cultura é conduzida pela imaginação e é um produto da imaginação²⁸”.

Tuan não se detém em uma explicação profunda sobre cultura – ou o que é a cultura. Trabalha com ela por vezes de forma reificada e por vezes

²⁴ Vide Mitchell (2008a; 2008b), Duncan e Duncan (2008), Cosgrove (2008) e Jackson (2008).

²⁵ “Na Antropologia contemporânea (...) após longos debates chegaram a um acordo para tratar cultura como um artifício analítico construído para entender a vida social, não sendo, portanto, uma entidade ontologicamente reificada” (HOEFLE, 2008, p.132).

²⁶ “Seeing culture as escapism raises the question, Escape from what? My background as a geographer predisposes me to consider, first, escape from nature – from the natural environment, its uncertainties and threats” (1998, p.xii).

²⁷ “An animal eats, has sexual drives, and sooner or later dies. I? Well, I dine, Love, and aspire to be immortal. Culture is the totality of means by which I scape from my animal state of being” (1998, p.xiii).

²⁸ “Culture is driven by imagination and is a product of imagination” (1998, p.xiv).

como relações sociais. A ideia mais evidente que o autor se vale dá-nos a entender que cultura é algo próprio da produção humana – seja coletiva ou individual – algo que em certa medida transformaria o natural em cultural – sem que isso seja totalmente reduzido à dicotomia cultura/natureza²⁹ – evidenciando ações e produtos da espécie humana.

Tuan, em certo sentido, procura demonstrar que os processos culturais são independentes dos processos biológicos; pois se um determinasse o outro poderíamos deduzir atitudes e prever ações nos indivíduos; o que na prática já sabemos que não ocorre, principalmente no universo das humanidades. Mas o que ocorre é uma ligação entre esses processos biológicos e culturais, que se articulam externalizando o que se passa no espírito humano; a exemplo da verdadeira bondade humana, que não está condicionada aos ditames biológicos e muito menos aos culturais e históricos, mas por intermédio destes processos pode ser mais ou menos evidente.

Nosso propósito não é afunilar o pensamento de Tuan até chegar em sua concepção final de cultura, mas mostrar como essa ideia – ontologia, ideologia ou epistemologia – segundo Tuan influi na dinâmica humana. Mesmo porque, como Tuan advoga uma Geografia Humanista³⁰ e não propriamente uma Geografia Cultural – embora herdeiro da tradição saueriana e também afinado às discussões da “nova” geografia cultural, sua maior preocupação está em como as dinâmicas humanas/humanísticas interagem com as relações culturais, relações ambientais e relações sociais. Seus permanentes questionamentos podem traduzir-se em como o fazer/conceber humano aguçam ou coíbem intenções e propósitos próprios do espírito humano; ou como a cultura, ou as relações culturais potencializam – e não determinam – as intenções do espírito humano.

²⁹ Mesmo porque, de certa maneira, a espécie humana faz parte da natureza, assim toda produção humana é integrante dessa natureza. Ora, ao reduzir a noção de cultura a esta dicotomia ou dualidade, não se avança em termos explicativos, mas somente se evidencia um conflito conceitual com pouco ou nenhum poder elucidativo. Uma das saídas propostas por Duncan (2006, p.74) seria considerar a cultura não como algo aparte da natureza, como uma entidade supra-orgânica, mas como algo intrínseco ou incorporado ao ser humano.

³⁰ Fundada no projeto de uma ciência social humanista, que objetivava colocar as pessoas de volta no centro das análises sociais, isto é, procurava revelar as coisas que fazem as pessoas humanas. (WARF, 2006).

Aparentemente Tuan não está querendo dizer que assim como “a genética controla o ser humano de dentro, a cultura o controla de fora” (KUHLKE, 2006a, p.79), mas que as dinâmicas culturais potencializam e aprofundam ações/experiências individuais.

Tuan não explora a ideia de cultura como uma entidade autônoma, mas a caracteriza no bojo das relações e experiências humanas. Assim, a cultura é vista mais próxima da noção de um “coerente sistema de significação – como um conjunto de ideias, textos e símbolos que dão sentido a vida humana” (KUHLKE, 2006b, p.81)³¹.

Depois do breve panorama de algumas das principais obras de Yi-fu Tuan, bem como do aprofundamento das reflexões do *Human Goodness*, o que conseguimos perceber é que o autor constrói seus raciocínios articulando³² basicamente três dimensões³³ do viver humano:

- i) Dimensão biológica (físico-natural);
- ii) Dimensão cultural (sócio-cultural);
- iii) Dimensão humanística (humana-espiritual).

Na primeira dimensão o que fica evidente são as relações existenciais do ser humano com seu entorno, a natureza/ambiente; nesse sentido, as diretrizes biológicas são o que constroem o viver – são as percepções através dos aparelhos sensitivos que embasam tal experiência. A segunda dimensão incita-nos a privilegiar o viés social da humanidade, que através da cultura dá coerência ao viver; tal dimensão, dependente das bases construídas pela experiência biológica, se valeria dos aparatos exclusivamente humanos. Com a terceira dimensão um universo mais simbólico que factual é destacado; essa esfera da experiência é que conteria a dimensão mais profundamente humana (humanística): as subjetividades do espírito do homem.

³¹ “Culture emerged as a coherent signifying system – as a set of ideas, texts, and symbols that give human lives meaning and that they express in public and private spaces. In geography, this trend was exemplified by the emergence of humanistic geography during the 1980s and later the linguistic turn that focused the object of cultural geographic inquiry not just on individuals but also on the variety of cultural texts they create (...)” (KUHLKE, 2006b, p.81).

³² Como inferido por Diniz Filho: “Ao procurar traços universais das percepções e do pensamento sobre o espaço, esse autor [Yi-fu Tuan] segue caminhos diferentes, tal como identificar as respostas psicológicas comuns a todas as pessoas (derivadas da evolução biológica e da estrutura básica do cérebro) e depois mostrar que os mesmos tipos de respostas se manifestam na cultura dos povos” (2009, p.165).

³³ Já preconizadas na obra *Topofilia*: “Uma pessoa é um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único; percepção, atitude e valor refletem os três níveis do ser” (TUAN, 1980, p.284).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura, ou relações culturais, articulada na experiência existencial, acentua as tendências humanas – seja “o bem ou o mal”. Esta assertiva se torna evidente quando pensamos nas articulações propostas por Tuan; em que a dimensão biológica, responsável pelas percepções, fornece subsídios existenciais para que a dimensão cultural, construída socialmente, exponha e potencialize a dimensão subjetiva (humanística) dos seres humanos – acentuando características dispostas no espírito do homem: o bem ou o mal.

Essa perspectiva nos leva a refletir e alimentar os debates sobre a importância da virada lingüística na Geografia³⁴, mais especificamente nos estudos voltados a Geografia Cultural. Partindo da premissa que a “dimensão humanística”, identificada nas reflexões de Tuan, interage constantemente através das relações biológico-culturais, teríamos assim um campo simbólico a ser analisado. Entendemos que o simbólico configura uma possibilidade de leitura de uma realidade não manifestada materialmente, dessa forma, o simbólico é fonte para se compreender como os seres humanos dão sentido a sua experiência existencial.

Nesse sentido, retomamos aqui a indagação de Eric Dardel em seu livro “O Homem e a Terra”³⁵ publicado em 1952, que, aliás, foi uma das principais fontes inspiradoras de Tuan. Dardel, se questiona sobre o significado da Terra para os seres humanos. “Homens e mulheres habitam a Terra: o que isso significa?” Ideia inovadora para a época e que somente tempos depois começou a ser explorada com mais profundidade. Mergulhar no universo simbólico é procurar entender o significado do mundo para as pessoas. Nesse viés, entendemos que Tuan, em seu *Human Goodness*, assim como em suas demais obras, busca o íntimo, algo na essência do ser humano, para daí procurar entender as relações espaciais.

³⁴ Vide Moura (2008).

³⁵ DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique*. Paris, Ed. CTHS, 1990.(1ª ed. Paris, PUF, 1952).

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, B. S. *A História da Filosofia. Os Pensadores*. Editora Nova Cultural, São Paulo: 2004.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Introdução à geografia cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COSGROVE, D. Idéias e Cultura: uma resposta a Dom Mitchell. *Espaço e Cultura*, UERJ, Ed. Comemorativa (1993-2008), 2008, p.107-109.
- DINIZ FILHO, L. L. *Fundamentos epistemológicos da Geografia*. Curitiba: Editora Ibpex, 2009.
- DUNCAN, J. S. Cultural Geography. In: WARF, B. (ed.). *Encyclopedia of Human Geography*. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: SAGE Publications, 2006.
- DUNCAN, J.; DUNCAN, N. Reconceitualizando a Idéia de Cultura em Geografia: uma resposta a Dom Mitchell. *Espaço e Cultura*, UERJ, Ed. Comemorativa (1993-2008), 2008, p.111-115.
- HOEFLE, S. W. Debates recentes na Geografia Cultural Anglo-americana: uma apreciação antropológica e filosófica. *Espaço e Cultura*, UERJ, Ed. Comemorativa (1993-2008), 2008, p.123-135.
- HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. *Espaço e Cultura*, UERJ, Ed. Comemorativa (1993-2008), 2008, p.7-35.
- _____. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JACKSON, P. A Idéia de Cultura: uma resposta a Dom Mitchell. *Espaço e Cultura*, UERJ, Ed. Comemorativa (1993-2008), 2008, p.103-105.
- KUHLKE, O. Cultural Turn. In: WARF, B. (ed.). *Encyclopedia of Human Geography*. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: SAGE Publications, 2006a.
- _____. Culture. In: WARF, B. (ed.). *Encyclopedia of Human Geography*. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: SAGE Publications, 2006b.
- MELLO, J. B. F. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MITCHELL, D. Não existe aquilo que chamamos de Cultura: para uma reconceitualização da idéia de cultura em geografia. *Espaço e Cultura*, UERJ, Ed. Comemorativa (1993-2008), 2008a, p.81-101.
- _____. Explicação em Geografia Cultural: uma resposta a Cosgrove, Jackson e aos Duncans. *Espaço e Cultura*, UERJ, Ed. Comemorativa (1993-2008), 2008b, p.117-121.

MOURA, N. Rumo a Pós-Modernidade: A Virada Lingüística na Geografia. Virada Lingüística? *Revista Geografar*, UFPR, Curitiba, v.3, n.1, 2008, p.1-15.

STADELBAUER, Jörg. 'Space' and 'language' in the focus of geographical sciences. In: AUER, P.; SZMRECSANYI, B. "*Language, space, and geography*". III Workshop. Freiburg Institute for Advanced Studies, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Human Goodness*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2008.

_____. *Paisagens do Medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. Cultural Geography: Glances Backward and Forward. *Annals of Association of American Geographers*, 94 (4): 729-733, 2004.

_____. Perceptual and Cultural Geography: A Comentary. *Association of American Geographers*, 93 (4): 878-881, 2003.

_____. *Escapism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

_____. *The Good Life*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

_____. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

_____. Geografia Humanística. In.: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.

_____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difiel, 1980.

_____. Humanistic Geography. *Annals of Association of American Geographers*, 66 (2): 266-276, 1976.

WARF, B. Humanistic Geography. In: WARF, B. (ed.). *Encyclopedia of Human Geography*. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: SAGE Publications, 2006.